

# A PLEBE

PERIODICO LIBERTARIO

FUNDADO EM 17-6-1917

Redator-Gerente: RODOLFO FELIPE

Redação e administração  
AVENIDA RANGEL PESTANA N.º 281  
(Antiga Ladeira do Carmo, 9)

ASSINATURAS:  
Numero avulsos \$200 -- Semestre \$3000  
Ano 100000 -- Pacote: 12 exemplares 25000

Toda correspondência, vales e registros  
devem ser endereçados a Rodolfo Felipe  
CAIXA POSTAL 195 — S. Paulo (Brasil)

## LEMBRANDO OS MARTIRES DE CHICAGO

Mais um 1.º de maio se aproxima. Na proxima quarta-feira transcorrerá mais um dia em que o proletariado consciente e revolucionario de todo o mundo deve manifestar (onde isso não fizer sera pela força das circunstancias em que vivemos) as suas aspirações e seus anhelos de melhores dias para toda a humanidade.

Será mais um dia de maio, mais um dia de sonhos a esvoaçar no azul do espaço, pois que, aos propósitos da realização, se opõem as hordas negras da opressão e da tirania que exercem as suas forças no sentido de apertar cada vez mais o cerco contra o povo, de sufocar, de reprimir toda e qualquer manifestação de rebeldia por parte das grandes falanges de obreiros que alimentam em seus corações um ideal de transformação social.

Os trabalhadores estão hoje, em quasi todos os países, submetidos a mais vil escravidão moral e económica por parte do Estado e do capital.

A burguesia, vendo o seu barco em perigo e quasi rasoabrar quando se verificou o grande e profundo abalo causado pelo descalabro da grande guerra de 1914-18, procurou, desde então, em toda parte, refazer suas forças, e solidaria entre si, por cima das fronteiras e através dos mares, procurou readquirir o seu dominio absoluto sobre o povo trabalhador que demonstrára, então, ser capaz de se emancipar da tutela e do jugo capitalista estatal que o oprime e explora.

Dai o aparecimento das ditaduras, dos governos fortes que, para manter de pé o seu castelo mal-dito, recorrem ás maiores e inauditas fórmulas de repressão para subjugar o povo e escravizar as consciências dos homens.

De tudo lançaram mão. Nenhum dos meios de coação é esquecido, nenhum escrupulo moral os detem, nada respeitam. O que importa aos capitalistas e governantes é dominar para sobreviver.

Se nos tivermos por um instante a examinar o que vai pelo mundo chamado civilizado, veremos, entristecidos e amargurados, um quadro macabro em que se desenha a grande tragedia contemporânea. Por toda parte, em todas as cidades e aldeias, em todos os lares, vemos que o coração e a alma de cada individuo estão dominados pela angustia, por uma grande e suprema angustia que sufoca, que estrangula a voz, que atrofia os sentidos, que tortura o cerebro, envelhece o homem e embrutece o povo. Essa angustia, esse pesadelo que sobre ele pesa como um manto de chumbo, é resultante da situação de miséria, de abjeção e de escravidão a que o tem reduzido as feroces ditaduras ao serviço do Estado e do capital, que são "mólochs" modernos, em hebreu, quanto dos quais são sacrificadas preciosas vidas humanas. E o voço da nova guerra, que já voaça por sobre as cabeças do povo qual ave agourenta.

Os Estados, pelos seus governantes, estão preparando outra hecatombe, outro flagelo que cairá sobre os lares proletarios no seio dos quais espalhará o seu sequito de horrores, de fome, de peste, de morte.

Aqui, entre nós, a situação económica do povo se agrava dia por dia. O custo da vida, desde os generos de 1.ª necessidade ao aluguel das casas e vestuários, cresce assustadoramente e os salarios continuam estacionarios. A fome começa a rondar os lares proletarios. Em S. Paulo ha milhares de homens com famílas cujos ordenados não são além de 800 réis por hora, não alcançando, portanto, nem 1505 mensais, e só para o



tugurio em que moram teem que pagar 60\$ a 80\$. No interior, nas fazendas, os colonos e os diaristas não podem usar calçado de especie alguma, não se podem vestir, não podem cuidar de sua saúde; para eles, todas essas coisas constituem um verdadeiro luxo, pois os miseros mil réis que ganham mal chegam para a es-

cassa e insalubre alimentação de todos os dias. O valor aquisitivo do mil réis está reduzido ás mínimas proporções. Tanto é assim, que todas as classes assalariadas do Estado estão reclamando e impondo para que o seu soldo seja majorado em percentagem elevada. No Rio funciona, ha um ano,

uma Camara de Deputados que, de Constituinte, se constituiu em legislativa. O primeiro trabalho desenvolvido por esses senhores deputados foi no sentido de que lhes fossem aumentados os proprios subsídios, depois os dos seus superiores hierarquicos. Agora discutem, e o aprovarão, com toda certeza, o aumento do soldo aos

militares para que garantam a estabilidade do regime e dos que nele se locupletam á custa do erario público.

No interesse do povo, o que o legislativo soube fazer foi discutir e aprovar uma lei que visa arrilhar a boca dos homens livres, coartar o pensamento rebelde, sufocar os anhelos de justiça da plebe faminta. Esse oprobrio, essa monstruosidade foi depols sancionada com o fim de tolher ás multidões todas as possibilidades de protesto, e com isso evitar toda e qualquer agitação popular que vise pleitear e reivindicar mais uma nesga de pão e mais um pouco de liberdade para quem trabalha.

O povo nada deve esperar da politica. O que esta faz é crucifica-lo no pelourinho da lei, depois de lhes ter sugado o sangue e despojado do fruto do seu trabalho util e fecundo.

Assim, o que vemos ao nosso redor e por todo o mundo é a delimitação, cada vez mais inconfundível, das linhas devisórias entre exploradores e explorados, entre opressores e oprimidos, entre a liberdade e a tirania. De um lado do abismo está a burguesia, com seu dinheiro, com suas leis, com o poderio que lhes é fornecido pelos proprios filhos do povo sob a farda do soldado ou sob a capa do funcionario; do outro a imensa falange de párias, de ilotas, de plebeus submetidos pelo ferro e pelo fogo ao jugo da exploração e da tirania.

Esse é o quadro doloroso, essa é a realidade cruel da sociedade em que vivemos. Dois milénios de cristianismo, dois séculos de democracia e meio século de socialismo estatal e politiquero, em nada veio alterar o quadro negro do sofrimento popular. Nem uma restea de luz foi projetada, tambem, no cenário da vida dos povos, por três decadas de bolchevismo, do comunismo estatal ensaiado nas estepes da Rússia revolucionaria. Dentro do principio de autoridade e da propriedade privada não pôde haver solução para o grande e vital problema da felicidade humana.

Esse problema não foi resolvido pela monarchia, nem pela Republica, nem pela democracia, assim como tambem não o foi nem será solucionado pelas ditaduras de varias cores e feitios que ora surgem no tablado da vida dos povos. Ao contrario: quanto mais autoridade, quanto mais centralização, quanto mais força tiver o Estado, maior será o sofrimento moral e economico da humanidade.

Trilhemos, pois, novos rumos, carinhemos por outras sendas diferentes ás que teem sido até hoje palmilhadas.

Busquemos a liberdade, procuremos na solidariedade as forças que nos hão de conduzir a uma sociedade nova, a um novo sistema de relações sociais, em que não haja nem o estigma da desigualdade económica, nem a fécula dos governantes a sancionar a escravidão politica.

E o roteiro luminoso, a via larga e ampla através da qual podem marchar todos os párias e todos os homens de sentimentos nobres e elevados, chama-se solidariedade, chama-se auxilio mutuo e conduz os viajeros do ideal ao pais maravilhoso da anarquia.

Com Pietri tioti, o poeta da anarquia, cantemos:

— Levantemos as mãos doloridas,  
E forcemos um feixe fecundo;  
Nos queremos reinar este mundo  
Dos senhores da terra e das vidas!

RODOLFO

**1.º DE MAIO**  
A Federação Operaria de S. Paulo efetuará, no dia 1.º de maio, as 15 horas, em sua séde social, á rua Quintino Bocalúva, 80, uma conferencia comemorativa dos mártires de Chicago. — *Entrada franca* —





# O dia do Trabalho

Aproxima-se o dia consagrado ao Trabalho, o 1º de Maio. De um lado a classe trabalhadora, este dia de luta e de reivindicações, como os grandes líderes Cervantes, Tolstói, Hugo e Keats, cantam, onde há uma alma que sofre, nos tempos, nos minutos, nos dias, nos meses, nos anos e no caráter, está o pensamento humano em busca de um sonho de fraternidade, que seja uma palavra aos milhões de Chicago.

482 anos antes da era crista, em pleno paganismo, na velha República Romana, na cidade dos Cesáres, a plebe recolta, reunida no monte Aventino, mostrou aos potentados da cidade, a possibilidade demonstração coletiva da solidariedade.

Nada se obtém sem ação. Necessária se torna, pois, uma ação conjunta de apito unânime contra a hidra capitalista.

Para conquistar os frutos da presente civilização custou a humanidade sacrifícios inauditos. Sócrates, Giordano Bruno, Saragatelli, Galileu, Campanella, Fischer, Pearson, Spies e outros, tiveram a certeza que a ideia marcha através de martírios e sacrifícios humanos.

17 de Maio de 1935! Uma ideia de idealismo desse grande sonho de fraternidade, que a história dos corpos mártires dos pioneiros da liberdade, balizando ao vento nas torres de Chicago, faça esquecer as fronteiras proletárias, opondo ao trensê criminoso dos sentimentos guerreiros da família domada a sentido dos versos de Pietro Verri:

«Verso la parte dove si leva il suol'»

## Estilhaços... PLÍNIO, O PANDEGO

Plínio o Grande não é Plínio, o Moço! Mas na História, veja Plínio o Velho! E nos poemas as obras de um só nome: Plínio, o Velho, fez dele separado!

«Eu tudo!» — Percepção, e colando Leonário, nos horas de alvoreço e ainda sendo um garbado de «blusa cinza» e fã no beiseço.

Nunca com sorte esse poeta artista! Há o comando a tropa «entrega a fã» onde há uma qualidade, que correntes...

«... que infamam, se um morrer de bruto, não costumam ser, em bronze, o bruto de História das «Luzes Douradas»

Moacyr Chagas

### «O MARXISMO - Antes e depois de Marx» — de Varian Tcherkesoff

Muito se tem falado e se lido do Manifesto Comunista, de Marx, a quem dito manifesto é atribuído. Entretanto, os estudiosos que quiserem conhecer as origens do marxismo, devem ler esta obra que acaba de ser editada pela Biblioteca Promethéa, em que o seu autor, Varian Tcherkesoff, demonstra, não só as verdadeiras origens do marxismo, como nos apresenta Karl Marx com uma feição diversa da que lhe dão por aí os partidários da ditadura do proletariado.

Além desse trabalho de valor, constam ainda do mesmo volume dois trabalhos magníficos sobre o assunto: «Marx e o Anarquismo», de Rodolfo Rocker, e «O Sofisma Anti-Idealista de Marx», de Paul Gilie. — Preço, livre de porte, 45.

## Nosso balancete

ENTRADAS	
Contribuições da Lexão	93\$000
Assinaturas e contribuições na Redação	31\$800
Contribuições de varias localidades	75\$200
Saldos liquidados da dita - Brinde Saldos verificados do piquete de 31-3-35	102\$000
Munições publicadas no número anterior na Redação de varias localidades De Campanas	28\$500
Total geral	935\$500

DESPESAS	
Debitos do balancete anterior	50\$000
Aluguel da Sede de 31-4-35	100\$000
Contribuições e compensação de 31-8-35 e 31-8-35 (total de 100\$)	77\$000
Carreio - a 48	16\$000
Barbante	5\$000
Verbas a ser pagadas	100\$000
Total e 200\$	78\$500
Saldo para expedição de duas edições	92\$500
Total	1.027\$500

CONFRONTO	
Despesas	1.027\$500
Entradas	935\$500
Total	742\$000

## 2. PIQUE-NIQUE DE «A PLEBE»

BALANCETE	
<b>Entradas</b>	
Contribuições de convites e sanduiches	138\$000
	89\$600
	47\$800
<b>Despesas</b>	
Aluguel da Sede	100\$000
Aluguel	24\$500
Contribuição de Campanas	35\$000
Contribuição de Campanas	47\$000
Contribuição de Campanas	22\$500
Contribuição de Campanas	42\$000
Contribuição de Campanas	16\$000
Total	248\$100
<b>Confronto</b>	
Receitas	275\$400
Despesas	248\$100
Saldo líquido	28\$500

## MUNIÇÕES PARA «A PLEBE»

Assinaturas e contribuições na Redação	
Isabel, 5\$; Eugenio, 2\$; Aguiar, de Vila Marão, 2\$; Demisso, 5\$; Comerciário, 5\$; Almeida, 1\$; Antonio Art, 1\$; Cartão de Evaristo, 8\$; E. M. 1\$ e venda avulsa na redação, 1\$800. Total	31\$000
<b>De varias localidades</b>	
C. Largo de São João - Caceres, 5\$; Itapira, - Aracaju, 5\$; Bianchi, 10\$; Bahia-Velho, Galvão, 5\$; Pindorama, - Rolo e Cipriano, 5\$; Belém, (Paço) Ribeiro, 10\$; Ubu, - P. A. P., 14\$; N. Carlos Saldos de venda de folhetos, 12\$000; Quarenta, Imortino, 10\$; Maria, - J. J., 10\$; T. da	75\$200

## «O Evangelho da Hora»

Varios camaradas do interior nos escrevem demonstrando as dificuldades que se lhes apresentam em adquirir este interessante livro, dado o seu pequeno volume e custo. Para sanar essas dificuldades, lembramos a todos os interessados na sua leitura e na sua difusão da mesma localidade, que

poderão combinar-se entre si fazendo um só pedido. Outros poderão adquirir pacotes de 10 ou 20 exemplares, revendendo-os depois aos outros camaradas. Para esses pedidos, com o fim de atender às necessidades da propaganda, fazemos o desconto de 20%. PEDIDOS A RODOLFO FELIPE, CAIXA POSTAL, 195 - SÃO PAULO.

# Subsidios para a Historia do movimento anarquista no Brasil

NENO VASCO

Como se fala de aproximações comerciais e políticas, de missões diplomáticas e intelectuais, assim nos devemos empenhar e realizar uma união — não na forma, muitas vezes vasia, mas no que constitui a essência, a carne, o sangue, de uma aliança — a inextinguível troca de recursos de toda a espécie.

Um de outro grupo mantém heróicamente a continuidade da ação, lança de vez em quando um manifesto, espalha de longe a longe um folheto, publica um ou outro numero de jornal, edita algum folheto. Mas os seus esforços, desamparados, não chegam com a intensidade necessária. E no entanto não faltam lá anarquistas brasileiros e portugueses, inteligentes, dedicados e sinceros. Não são sempre desamados. Em São Paulo, por exemplo, deixei com profundidade e vontade, um ambiente de trabalho e de luta. E se não sinto de pessoas que estão sem alento — e que não sabem trabalhar — ao menos há

sembaralhado de bonas intrigas, fraudes e acollidos. Não conheço camarada que o tenha abandonado sem verdadeiro pesar. E não éia certamente, os nossos amigos do Brasil, os que mais se desesperam com a impotência a que se vêem tantas vezes reduzidos.

# Sombras e clarões

O capitalismo não deeste de lançar novamente os proletários de todos os países numa nova carnificina. Para esse bando faccioso de agarrados, os corpos dos produtores dilacerados nos seus ergastulos, de produção ainda os não sabem.

Esta quadrilha internacional que se hospeda nos mais lujosos hotéis, exige que os países, para seu gaudío, se vão estragalhar nos ruidosos campos de batalha, para que as fontes de sangue ali deturpadas se transformem nesse aureo metal tão colado pelos sarcásticos personagens do armamentismo.

Quem será o substituto do cambal Brasil Zaharoff? Este provocador de conflitos internacionais só viu a sua vontade de lucro quasi satisfeita quando terminou essa execrável sangreira de 1914 a 18. Os muitos milhões de mortos produzidos por essa hecatombe transfiguraram-se em muitos bilhões de esterlinos para Zaharoff e sua sinistra comandita. Terminado o maior crime que a historia já conheceu, eis que nos aparecem os empreiteiros que o promoveram a darem sinais de vida.

O rei Jorge V promove, na Inglaterra, quatro bailes que custam nada menos de quatro milhões de esterlinos. Enquanto os mutilados agonizam nas lobregas choupanas a aristocracia palaciana chourra, nos seus festins, os mais apetitosos marjares, desdenhando assim das inumeráveis viúvas e orfãos que silenciosamente choram a perda do ente que as amparava.

Para não sucumbirem ao terrível flagelo da fome, em Portugal, os mutilados recorrem a infamante caridade dos que durante a carnificina amontoaram milhões sobre milhões e estes respondem-lhes com o mais insolente desprezo salpicando-os com a lama que os seus lujosos automoveis deslocavam.

Segundo um cronista bem conhecido, que lhe foi dado visitar o Banco de França, constatou que ali não havia mais lugar para colocar mais ouro. Nos Estados Unidos não é raro ver os arqui-milionários, que com a guerra chegaram às culminâncias da fortuna, adquirir um cavalo por um milhão de dolares.

tem a infelicidade de ter como gozadores, quando afinal constituem uma trágica quadrilha que reduzem os povos a maior penúria para adquirir esses engenhos belicosos que os caixeiros da morte lhe vem vender.

Amida agora, com o inquerito feito nos Estados Unidos sobre o comércio de armas, ficou bem evidenciado o alto grau de corrupção a que atingiram os governos de quasi todas as nações, que quasi imploraram a comissão do senado ámpar que não os desmascara, para continuarem roubando o produto dos impostos lançados sobre a eterna vítima, o proletário.

Com o mencionado inquerito veio à superfície tanta lama, que nós, os proletários, nos sentimos enojados ao sabermos que seres da mesma espécie sejam capazes de deitar tão baixo na escala zoologica. Dado o estado de putrefacção em que se encontra esta corrupta sociedade, a nossa estranheza fica atenuada, e essa putrefacção ninguém melhor a revelou que Kreuger e Stawick, íntimos amigos de homens de Estado.

O primeiro, burlião internacional, em alistasdo no seu bando, alguns personagens que aos olhos do mundo passavam por ímpolitos caracteres. O segundo, de vulgar aventureiro que era, de trapaça em trapaça, conseguiu guindar-se a uma principessa polaca, que aos timoneiros da nau estatal causava orgulhos.

Como o primeiro, os seus colaboradores foram recrutados nas altas esferas da governança. Neste formidável roubo estavam comprometidos ministros, deputados, senadores, advogados, generais e padres.

Com estes tres monumentais escândalos ficou conhecida a mais sordida corrupção a que um regime pôde atingir. Depois de cometerem os mais nefandos latrocínios, os mais hediondos crimes, virão exigir que a sua vítima, o proletário, vá pegar novamente em armas para defender a tal patria, ou seja, o cofre dos banqueiros? Sim, os cofres de tudo são capazes. Os histriões capitalistas já sabem, desde ha muito, que a propriedade privada anda ligada intimamente ao roubo.

Para todos aqueles que se lançaram na luta contra a selvageria capitalista, constitui regozijo a atitude do proletariado espanhol, em continua rebelião, isto como resposta às pretensões guerreiras dos emporcalhados senhores do mundo. Os povos, um a um, vão compreendendo que a guerra que tem a fazer e a dos explorados contra os exploradores; os operários franceses, por exemplo, já não acreditam que o seu inimigo seja o operário alemão, mas sim o capitalista alemão, e vice versa; como interessados na supressão do regime capitalista, terão que dar-se as mãos por cima das águas do Reno e, ao contrário de 1914, numa ação comum marecharem para o regime da equidade social.

Antonio Manuel Vinhals

Trabalhador, ouve a nossa voz! Ouve-nos, artista! E tu, homem, quer guies em alto mar a fragil nau açoitada pelas vagas ou cruces o azul do espaço na veloz aeronave; quer sejas um estudante entusiasta ou passes as noites em vigília a pesquisar a origem das coisas e dos seres; quer estejes na caserna, onde julgas estar cumprindo um dever de cidadão, ou entregue aos teus afazeres na vida publica ou privada, escutas-nos tambem:

Passa outro maio. Com ele nos chegamos, como dos outros anos, dolorosas recordações de martirios e sofrimentos. Os martires de Chicago simbolizam ainda uma ideia em marcha, um sonho a realizar. O homem cre na salvacao pela lei, espera ainda os "messias" que hão de fazer-lhe presente da felicidade.

Sustentados pela força das leis, mantem-se no poder, com os destinos dos respectivos povos nas mãos; os tiranos modernos: Mussolini, Hitler, Stalin, Carmona, Dohtuss, Terra, Justo, Getulio!

E em nome dessas leis que se decapita, na Alemanha; que se fuzila, na Italia; que se electrocuta, na America do Norte e expulsa, no Brasil.

E em nome da lei que os trabalhadores que saem a rua para reivindicar mais um naco de pão recebem metralha. E ainda em nome da lei que o povo morre de fome nos tugurios infectos onde não entra ar nem luz.

E, neste momento historico, quando o arcabouço do edificio social principia a contrair-se, pon-do a mostra a tapera que ameaça cair aos pedaços, onde penachos vistosos, mas

inuteis, de penas de pavão enfeitam caricatas figuras de operetas; em volta de cujas ruinas esvoaçam bandos negros de corvos que procuram, em nome de um Deus vingativo e cruel, saciar-se na podridão social; onde se aprovam leis destinadas a servir de freio ás inquietudes idealistas em nome da patria e da familia, misticas destinadas ao embrutecimento das coctividades humanas e á formação de psicoses da covardia submissa dos vencidos.

Homem, quem quizer que sejas, estás tu porventura satisfeito com este estado de coisas? Dentro do teu ser não crepita a chama da revolta contra os desmandos dos detentores do poder? Sim? Então vem conosco. Forma ao nosso lado, ranga a venda que encobre dos teus olhos a luz da liberdade e descortina o panorama da sociedade futura, sem amos e sem escravos.

E aí, então, escolherás: ou conosco para a vida livre, feliz, sem peias, sem leis, sem tiranias, sem dinheiro, onde tudo é de todos, ou voltarás, se quizeres, como o evadido das galés que, incapaz de escalar a muralha chinesa dos preconceitos sociais, entrega, covardemente, os pulsos ao carcereiro e prefere viver como escravo. Homem, queres vir conosco? Olha o sol do 1.º de maio que se aproxima e segue o roteiro da anarquia!

Não queres? Segue, pois, o teu caminho, abençoado, a canga vil que trazes ao pescoço e morre como escravo da lei de Deus e da patria!

Sorocaba. — J. M. GRUPO DE HOMENS LIVRES

Cronicas de Espanha Sempre os mesmos...

Excoimunicados em pleno temporal politico. O toracico se desvendava tu rissos e agria em todas as direções as costas da Republica Espanhola. O povo estava atento os ruídos dos reacionarios, disposto a repeller a aggressão com a violencia que as circunstancias determinavam.

Esses reacionarios da desordem, os da "orden" para melhor nos entendermos, pois os meus leitores conhecem sem duvida, a recente disposiçao da Academia da Lingua Espanhola, se embe a qual é preciso interpretar em sentido contrario o significado de certas palavras para se obter o verdadeiro sentido, estes patrios reips, — pretendo de aqui a baixo, destruir as velhas liberdades democraticas que o povo viu destruidas na Espanha. Os velhos escravocatas sempre o pretendiam, podem, ate agora, tem em contrario pela tropa os sentimentos reacionarios das nossas trabalhadoras, não conseguindo lograr os seus fins, nunca pretendes.

Hoje, porém, mais do que nunca, a pretensão de dominar.

Conseguiram instituir a Republica, introduzindo no campo popular alguns dos seus principios para a Estalada dissimulada, mas para e fazer as malandras, qdntas que entre uns quantos se encontram, encaminhando o barco, a e fora de terra, diariamente a ilha dos seus sonhos.

Logo nos primeiros meses o operario agricola fica empenhado com o peão, tornando-se verdadeiramente escravo. O ganho não dá para viver, e as necessidades tornam-se cada vez maiores, ficando reducidos, finalmente, a uma situação insustentavel.

O patrão, na maioria dos casos, vende o trabalhador escravizado as suas conveniencias, exige maior produçao. Mas como trabalham muito e com poucos recursos, sendo certo que este regime atenta contra todos os principios de humanidade, os indios, não podendo resistir, se recusa a trabalhar.

Logo nos primeiros meses o operario agricola fica empenhado com o peão, tornando-se verdadeiramente escravo. O ganho não dá para viver, e as necessidades tornam-se cada vez maiores, ficando reducidos, finalmente, a uma situação insustentavel.

A. Gomez Latorre

PONTOS DE VISTA... Nosso Idealismo

O nosso idealismo é um principio que se aplica a todos os métodos e formas de trabalho, sem nenhuma imposiçao, antes, pela exposiçao dos conceitos que fazem novos fatos sociais, politicos e economicos.

A nossa aspiraçao baseia-se no esquecimento da "observaçao" experimental, aceitamos a quem quizer, espontaneamente, sem subterfugio de nada, sem a obrigação, e marcha para a liberdade, para o amor livre e para a harmonia da especie humana.

Logo nos primeiros meses o operario agricola fica empenhado com o peão, tornando-se verdadeiramente escravo. O ganho não dá para viver, e as necessidades tornam-se cada vez maiores, ficando reducidos, finalmente, a uma situação insustentavel.

Logo nos primeiros meses o operario agricola fica empenhado com o peão, tornando-se verdadeiramente escravo. O ganho não dá para viver, e as necessidades tornam-se cada vez maiores, ficando reducidos, finalmente, a uma situação insustentavel.

Logo nos primeiros meses o operario agricola fica empenhado com o peão, tornando-se verdadeiramente escravo. O ganho não dá para viver, e as necessidades tornam-se cada vez maiores, ficando reducidos, finalmente, a uma situação insustentavel.

Logo nos primeiros meses o operario agricola fica empenhado com o peão, tornando-se verdadeiramente escravo. O ganho não dá para viver, e as necessidades tornam-se cada vez maiores, ficando reducidos, finalmente, a uma situação insustentavel.

Logo nos primeiros meses o operario agricola fica empenhado com o peão, tornando-se verdadeiramente escravo. O ganho não dá para viver, e as necessidades tornam-se cada vez maiores, ficando reducidos, finalmente, a uma situação insustentavel.

Logo nos primeiros meses o operario agricola fica empenhado com o peão, tornando-se verdadeiramente escravo. O ganho não dá para viver, e as necessidades tornam-se cada vez maiores, ficando reducidos, finalmente, a uma situação insustentavel.

Logo nos primeiros meses o operario agricola fica empenhado com o peão, tornando-se verdadeiramente escravo. O ganho não dá para viver, e as necessidades tornam-se cada vez maiores, ficando reducidos, finalmente, a uma situação insustentavel.

Logo nos primeiros meses o operario agricola fica empenhado com o peão, tornando-se verdadeiramente escravo. O ganho não dá para viver, e as necessidades tornam-se cada vez maiores, ficando reducidos, finalmente, a uma situação insustentavel.

Logo nos primeiros meses o operario agricola fica empenhado com o peão, tornando-se verdadeiramente escravo. O ganho não dá para viver, e as necessidades tornam-se cada vez maiores, ficando reducidos, finalmente, a uma situação insustentavel.

Logo nos primeiros meses o operario agricola fica empenhado com o peão, tornando-se verdadeiramente escravo. O ganho não dá para viver, e as necessidades tornam-se cada vez maiores, ficando reducidos, finalmente, a uma situação insustentavel.

Logo nos primeiros meses o operario agricola fica empenhado com o peão, tornando-se verdadeiramente escravo. O ganho não dá para viver, e as necessidades tornam-se cada vez maiores, ficando reducidos, finalmente, a uma situação insustentavel.

Logo nos primeiros meses o operario agricola fica empenhado com o peão, tornando-se verdadeiramente escravo. O ganho não dá para viver, e as necessidades tornam-se cada vez maiores, ficando reducidos, finalmente, a uma situação insustentavel.

O terror fascista em Portugal

CARTAS DA ILHA TERCEIRA

Camaradas do Brasil: Escrevi-vos a presente carta a fim de vos participar que a correspondencia vinda do Brasil tem sido apreendida pelos nossos carcereiros, mal podendo entrar a ligadura e a revolta que, neste momento, me agita, por mais esta infamia cometida pelos nossos carcereiros.

A esta Bastilha chegaram duas cartas vinda do Brasil, que, rapidamente, megi que etiam uma, do camarada J. e a outra, do camarada V. Mas, que esse facto chamamos a Secretaria da Bastilha e, com enorme surpresa, foram as cartas abertas na minha presenca, sendo depois de atentamente lidas pelo Comandante de um ou outro lado e lido de outra se apreendidas, não me sendo, ao mesmo tempo, permitida a sua leitura, motivo porque desejava, em absoluto, que me fossem devolvidas as cartas.

Então, meus caros camaradas, o estado de guerra que me assalta a alma, me lembra em que tempo não da pena para vos revelar mais esta arbitrariedade quando nos privam da receber a vossa correspondencia que se trata um balsamo espiritual para nós, videntes e solidarios aos caprichos do sistema portuguez. Como todas estas violencias não bastassem, os nossos videntes, a qualquer de nos, notifica que a correspondencia para o estrangeiro não tem de ser entregue.

Pretendem abair, a todo transe, o nosso clamor de protesto, tentando por todos os meios ao seu alcance — e não são poucos — impedir que a nossa voz se faça ouvir através das fronteiras, vergastando-nos com a malicia que nos assiste, os crimes que estão cometendo sobre nós, vitimas indefesas.

Não o conseguimos, pois o conseguir jamais, convictos como estamos de que a solidariedade internacional não é uma palavra vã. A nossa voz, embora humilde, há-de ecoar através das estreitas malhas em que os nossos opressores nos tem envolvido.

Continuamos nesta fortaleza agitada a um imbuitorial e barbaço regime prisional, por do que impere na Alemanha hitlerista ou na Italia mussolinista.

Encerradas nesta minha Bastilha medieval, via o sistema da ilha, há tempo, o sistema de Praga, H. grande do domínio espanhol em Portugal, o actual, os portugueses tem recebido esse esse passado tenebroso na altura de apoiar a chama da liberdade que incendia as nossas consciencias revoltadas contra as injusticas sociais que assomam nesta época de ascensão do monstro capitalista.

Tudo aqui sabemos, desde as barbaras aggressões ao movimento em muitas memórias subterfugas, a todos os caprichos de gente viva, que foram adotadas na Ilha de Melia, e que em 1910, depois de XX, se originou ainda, como que a desmentir a farsa, a revolta dos portugueses.

As nossas, as nos encontramos, são verdadeiramente infimas e como todas as greves, são guardadas, por qdntos qdntos, as nos somos proibidos de possuir, muitas vezes, a amizade, os certos, fortunas pelas maldicas sentenças que cercam as presões onde juremos.

A comida que nos torpem e tortura, sendo contrariada com que nos completamente deteriorados.

Nesta ilha — para não bem chamarem de "Ilha de Melia" — os nossos carcereiros tem o firme proposito de lentamente nos assassinar. Vemos aqui sob um regime de verdadeiro terror.

Apesar de todas as violencias de que fomos victimas, temos uma esperanza indomavel no triunfo de melhores dias, e vem trapejar em si mesmo, mantemos firme a nossa fé na ideia anarquista.

Es a fé que nos anima e encoraja, para enfrentar o sofrimento a que estamos submetidos.

Em defesa de Simão Radowski

No mês de dezembro ultimo, quando voltava de uma viagem a um pais vizinho, Simão Radowski foi detido no Uruguai.

Nenhuma razão se apresentou que justificasse o motivo dessa detença. Ao que parece, pretende-se trata-lo como imigrante entrado no pais com violação das leis que regulam a imigração, embora todos saibam que Radowski está radicado no Uruguai ha mais de cinco anos.

Não se insistiu nessa ridicula pretensão.

Alguns jornais, porta-vozes dos partidos politicos que estão no poder, tem mencionado, de vez em quando, o nome desse nosso companheiro, tratando-o como estrangeiro "indesejavel" ao qual é preciso expulsar e enviar ao pais de origem.

Não discutimos essa linguagem de selvagens — ESTRANGEIRO. Estrangeiros, para nós, para o povo, para a humanidade, são, em qualquer pais, os opressores e os exploradores da classe trabalhadora. Esses, sim, são realmente os "indesejavéis"; compreendamos, porém, que, para eles, são indesejavéis todos os homens que não se dobram ao seu poder politico e economico, e que no cerebro e no coração abrigam uma ideia ou um sentimento de rebeldia contra todas as injusticas e tiranias.

Contra Radowski nada ha, porém, que justifique essa medida.

Não nos dirigimos aos poderes, não pedimos clemencia aos potentados para nossos companheiros perseguidos. Não lhes pedimos nada a eles, que são os verdadeiros "estrangeiros" de todas as patrias. Dirigimo-nos ao povo, que em nosso pais está comprometido, na sua maioria, de estrangeiros e imigrantes, no sentido de que há de respeitar os direitos e as liberdades adquiridas.

A VIA-CRUCIS por que tem passado Simão Radowski, desde dezembro até hoje, está sendo o seu protesto, e uma coisa verdadeiramente vergonhosa.

Primeiro, arrastado de um carcere a outro; logo, deixado por poucos dias em um hotel debaixo de severa vigilância policial; pouco depois, novamente ao carcere, para ser finalmente levado para a Ilha das Flores, onde permaneceu por varios dias incomunicavel em uma cela subterranea e onde permaneceu segregado todavia.

Ninguém o pôde visitar, e a multa custosa se lhe permite que receba, de vez em quando, alguns viveres.

Simão Radowski é conhecido em toda America do Sul e em todo mundo pelo seu passado, que o honra bastante, e com o qual todos nós somos solidarios. Ele professa um ideal, o nosso, que tem adeptos e teve heróis em todos os paises do mundo.

Pelo seu passado, pela comunidade de aspirações e convicções, nós estamos espiritualmente a seu lado.

Mas o nosso protesto não se deve somente nem principalmente ao fato de professor, ele, o mesmo ideal que nós professamos. Protestamos, sobretudo, porque em Simão Radowski se viola um direito comum a liberdade de todos.

Em todos os paises a liberdade está passando por um mau quarto de hora. Em qualquer parte — fechada no Uruguai — o dever e o interesse dos que amam a liberdade e defendem a defendente a pessoa em perigo da qual foi violada, e, neste caso, na pessoa do companheiro Simão Radowski.

Defender Radowski é uma obrigação de honra não somente para os que amam a liberdade, mas para todos os proprietarios que se batem pela sua propria emancipação, para todos os homens livres que marcam para a conquista de uma liberdade completa, mais vasta e mais completa.

O escravagismo em Ourinhos

CENAS AVILTANTES DE VANDALISMO NUMA FAZENDA DAQUELE MUNICIPIO

Passou-se aqui um caso, resultante, digno dos tempos medievais, quando eram condados innocentes victimas da satisfação de caprichos feudais e que atenta contra os sentimentos humanos, ferindo ate os mais rudimentares direitos de justiça.

Em, em resumo, o que se passou: Nos arredores do sertão, em camunhados pelo Departamento Estadual de Trabalho, chegou a esta localidade uma leva de imigrantes do procedimto mineiro.

Alguns deles collocaram-se na Fazenda Boa Esperança, neste municipio. Como é notorio, todos os trabalhadores agricolas estão passando por grandes privações, devido ao irrisorio ganho que mal dá para uma crassa alimentaçao e cobrir a semelhança, com falar em higiene, habitação, etc., dando-se por feliz aquele que presenciar de medicina e farmacia. Esses estes carismos em vista da misabilidade das regiões em que estão localizadas a maioria das propriedades rurais, e deixada por parte dos proprietarios de terras, que se não am amarem maiores lucros.

Uma vez instalados os imigrantes nos lugares a que são destinados, começaram a nova jornada presenciar sobre as suas necessidades durante os primeiros meses, supriçoes de que for necessarias. Adontes que este instrumento e feito por meio de "cartões" contra determinadas casas comerciais de açucar, com a escolha do patrão.

A ameaça legal e a castidade infelizes. Da experiência, a maioria das vezes, com a rapidez, os chamados "cartões", que se destinam a que os proprietarios de terras, que se não am amarem maiores lucros.

FEDERAÇÃO OPERARIA DE S. PAULO

Mudança de sede

A Comissão Executiva da Federação Operaria de S. Paulo, em nome de todos os sindicatos a ela ligados e que temo seus sedes a Rua Quintino Bocaiuva, 83, comunica a todos os seus aderentes e ao proletariado em geral que terá de entregar, até o dia 2 de maio, o local de ser transferida a praça onde está instalada.

Logo que seja encontrada outra casa que reúna as condições necessarias, tornaremos publico, em outro comunique, o local das nossas novas instalações.

A. GOMES

Logo nos primeiros meses o operario agricola fica empenhado com o peão, tornando-se verdadeiramente escravo. O ganho não dá para viver, e as necessidades tornam-se cada vez maiores, ficando reducidos, finalmente, a uma situação insustentavel.

O patrão, na maioria dos casos, vende o trabalhador escravizado as suas conveniencias, exige maior produçao. Mas como trabalham muito e com poucos recursos, sendo certo que este regime atenta contra todos os principios de humanidade, os indios, não podendo resistir, se recusa a trabalhar.

Logo nos primeiros meses o operario agricola fica empenhado com o peão, tornando-se verdadeiramente escravo. O ganho não dá para viver, e as necessidades tornam-se cada vez maiores, ficando reducidos, finalmente, a uma situação insustentavel.

Logo nos primeiros meses o operario agricola fica empenhado com o peão, tornando-se verdadeiramente escravo. O ganho não dá para viver, e as necessidades tornam-se cada vez maiores, ficando reducidos, finalmente, a uma situação insustentavel.

Logo nos primeiros meses o operario agricola fica empenhado com o peão, tornando-se verdadeiramente escravo. O ganho não dá para viver, e as necessidades tornam-se cada vez maiores, ficando reducidos, finalmente, a uma situação insustentavel.

Logo nos primeiros meses o operario agricola fica empenhado com o peão, tornando-se verdadeiramente escravo. O ganho não dá para viver, e as necessidades tornam-se cada vez maiores, ficando reducidos, finalmente, a uma situação insustentavel.

Logo nos primeiros meses o operario agricola fica empenhado com o peão, tornando-se verdadeiramente escravo. O ganho não dá para viver, e as necessidades tornam-se cada vez maiores, ficando reducidos, finalmente, a uma situação insustentavel.

Logo nos primeiros meses o operario agricola fica empenhado com o peão, tornando-se verdadeiramente escravo. O ganho não dá para viver, e as necessidades tornam-se cada vez maiores, ficando reducidos, finalmente, a uma situação insustentavel.

Logo nos primeiros meses o operario agricola fica empenhado com o peão, tornando-se verdadeiramente escravo. O ganho não dá para viver, e as necessidades tornam-se cada vez maiores, ficando reducidos, finalmente, a uma situação insustentavel.

Logo nos primeiros meses o operario agricola fica empenhado com o peão, tornando-se verdadeiramente escravo. O ganho não dá para viver, e as necessidades tornam-se cada vez maiores, ficando reducidos, finalmente, a uma situação insustentavel.